

# Cidadania digital e EJA: análise qualitativa da ausência de educação midiática em contextos periféricos

Clayton Ferreira dos Santos Scarcella

*Professor de educação básica na Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, onde compõe o eixo de Educomunicação. Mestrando em Educação Inclusiva pela Universidade Federal de São Paulo e Mestre em TICs na Educação pela Universidad Europea del Atlántico.*

*E-mail: clayton.scarcella@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2653-9329>.*

Ciro Miguel Labrada Silva

*Professor da Universidad Europea del Atlántico. Doutor em Sociologia e Mestre em História Contemporânea pela Universidade de La Habana. Licenciado em Educação, com especialização em História e Ciências Sociais.*

*E-mail: ciro.labrada@unib.org. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6421-2788>.*

**Resumo:** Analisamos o consumo digital de estudantes da EJA e sua relação com a circulação de desinformação em contextos periféricos, como o distrito do Itaim Paulista. Empregamos metodologia qualitativa com observação participante e grupos focais. Verificamos falta generalizada de habilidades críticas para navegar no ciberespaço e alta exposição à desinformação: 57,14% dos participantes relataram contato diário com notícias falsas e 81% nunca tiveram qualificação formal em Alfabetização Midiática e Informacional. Conclui-se que programas de educação midiática podem mitigar o consumo de desinformação intencional, mal-entendidos involuntários e fomentar a participação cívica em comunidades periféricas.

**Palavras-chave:** educação midiática; educação de jovens e adultos; desinformação; periferia; cidadania digital.

**Abstract:** We analyzed the digital consumption of youth and adult education students and its relationship with the circulation of misinformation in peripheral contexts, such as the Itaim Paulista district. We used a qualitative methodology with participant observation and focus groups. We found a general lack of critical skills to navigate cyberspace and high exposure to misinformation: 57.14% of participants reported daily contact with fake news and 81% had never had formal training in Media and Information Literacy. We conclude that media literacy programs can mitigate the consumption of intentional misinformation, unintentional misunderstandings, and foster civic participation in peripheral communities.

**Keywords:** media education; youth and adult education; misinformation; peripheral areas; digital citizenship.

Recebido: 21/01/2025

Aprovado: 09/04/2025

## 1. INTRODUÇÃO

O advento das tecnologias digitais e a proliferação de plataformas de mídia social têm reconfigurado as formas de produção, circulação e consumo de informações. No entanto, a democratização do acesso à informação e a artefatos tecnológicos não se traduz automaticamente em inclusão digital efetiva ou em participação cidadã qualificada. Pesquisas recentes, como a de Livingstone e Helsper<sup>1</sup>, nos mostram que as desigualdades socioeconômicas se refletem no acesso e no uso das mídias digitais, perpetuando e, por vezes, aprofundando as disparidades existentes.

No Brasil, esse cenário se complexifica ainda mais quando observamos as realidades de comunidades periféricas, como o distrito do Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo. Nessas localidades, os desafios da inclusão digital se entrelaçam com outras questões, como o acesso à educação, trabalho e cidadania. Paralelamente, o fenômeno da desinformação tem se intensificado, representando uma ameaça global aos processos democráticos. A disseminação de *fake news* e a polarização do discurso público, potencializadas pelas redes sociais, demandam um esforço educacional para que os sujeitos naveguem com responsabilidade e segurança neste complexo ecossistema informacional contemporâneo<sup>2</sup>.

Diante do cenário apresentado, este estudo propõe-se a investigar os padrões de consumo digital entre estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), analisando como as estruturas de circulação de desinformação em comunidades periféricas afetam suas práticas informacionais e quais as implicações desse fenômeno para os desafios contemporâneos da democracia.

Esta questão suscitou da necessidade de compreender as interconexões entre educação midiática, inclusão digital e participação cidadã em contextos marcados por vulnerabilidades socioeconômicas. O estudo se concentra especificamente no distrito do Itaim Paulista, localizado na periferia de São Paulo, utilizando como *locus* de pesquisa um Centro Municipal de Capacitação e Treinamento (CMCT), escola pública do município de São Paulo que oferta cursos de qualificação profissional a jovens e adultos a partir dos quatorze anos de idade.

Esta investigação buscou elucidar como as práticas de educação midiática podem contribuir para superar as desigualdades digitais, além da delimitação de acesso às tecnologias, mas principalmente no que diz respeito às disparidades no uso e apropriação de competências críticas no consumo digital. O problema de pesquisa se desdobra em questões secundárias que orientam a investigação: Como os jovens e adultos da comunidade do Itaim Paulista percebem e utilizam as diferentes mídias em seu cotidiano? Quais são os principais desafios enfrentados por essa população no que tange à inclusão digital e à participação cidadã mediada pelas tecnologias? De que forma a educação midiática pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas de análise e produção de conteúdo em contextos de vulnerabilidade

1. LIVINGSTONE, Sonia; HELSPER, Ellen. **Digital literacy and digital inclusion: policy, research and practice.** Cambridge: Polity Press, 2021.

2. WARDLE, Claire; DE-RAKSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making.** Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-168076277c>. Acesso em: 11 jan. 2025.

social? Para responder a essas questões, utilizamos a metodologia qualitativa, com a realização de grupos focais e observação participante. Uma das principais descobertas é a carência generalizada de competências para navegar no ciberespaço, aliada à elevada exposição tanto à desinformação intencional quanto aos mal-entendidos involuntários.

## 2. EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Livingstone, Bober e Helsper<sup>3</sup> definem educação midiática como o processo de desenvolvimento de capacidades para acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de contextos. No contexto brasileiro, Soares<sup>4</sup> introduz o conceito de educomunicação, que amplia a noção de educação midiática para incluir a dimensão da intervenção social. A educomunicação, para os autores, vai muito além da compreensão crítica da mídia e deve concentrar seus esforços no uso dos meios de comunicação para a transformação social e o fortalecimento da cidadania.

A relevância da educação midiática se torna ainda mais evidente quando consideramos seu papel no fortalecimento da democracia, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Em meio a essa grande onda de proliferação de desinformação e polarização política que vivemos, a capacidade de analisar criticamente as informações e participar do debate público é primaz para a manutenção de uma sociedade saudável.

A inclusão digital e a cidadania constituem dois conceitos intrinsecamente relacionados no contexto da sociedade da informação. Enquanto a primeira transcende a mera provisão de acesso às tecnologias, englobando a capacitação dos indivíduos para utilizá-las de forma crítica e empoderadora, a segunda, no âmbito digital, refere-se à participação ativa e consciente dos indivíduos nos processos sociais, políticos e culturais mediados pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Pischetola<sup>5</sup> defende a inclusão digital em um processo multidimensional que envolve recursos físicos (acesso a dispositivos e conectividade), digitais (conteúdo e linguagem relevantes), humanos (letramento e educação) e sociais (comunidades e instituições de apoio). Entretanto, continua a autora, em um recorte nacional marcado por profundas desigualdades socioeconômicas, as disparidades no acesso e uso das TICs tendem a reproduzir e, por vezes, amplificar as desigualdades sociais existentes.

Explorada por Castells<sup>6</sup>, a relação entre inclusão digital e cidadania, na sociedade em rede, está intrinsecamente ligada à capacidade de navegar e participar ativamente no espaço digital sob o risco de a exclusão digital resultar em novas formas de marginalização social e política.

Wardle e Derakhshan<sup>7</sup> propõem uma taxonomia útil para compreender o fenômeno da desinformação, distinguindo entre “*misinformation*” (informação falsa compartilhada sem intenção de causar dano), “*disinformation*” (informação falsa criada e compartilhada com intenção de prejudicar) e “*malinformation*”

3. LIVINGSTONE, Sonia; BOBER, Magdalena; HELSPER, Ellen Johanna. Active participation or just more information? Young people's take-up of opportunities to act and interact on the Internet. **Information, Communication & Society**, Londres, v. 8, n. 3, p. 287-314, 2005. <https://doi.org/10.1080/13691180500259103>

4. SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2020.

5. PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação**: a nova cultura da sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2016.

6. CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.

7. WARDLE; DERAKHSHAN, *op. cit.*

(informação genuína usada para causar dano). Nesta pesquisa, adotamos essa taxonomia como um quadro de referência para analisar os diferentes tipos de informações duvidosas ou falsas identificadas nos relatos dos participantes. Essa distinção nos permite entender o impacto dos tipos de desinformação que chega a este público da EJA, considerando sua falsidade, intencionalidade e o potencial de dano.

Recuero e Gruzd<sup>8</sup> destacam que a estrutura das plataformas digitais, aliada a algoritmos que priorizam o engajamento, pode criar “câmeras de eco” que amplificam narrativas polarizadas e informações não verificadas. As autoras exploram, baseadas em outros teóricos, a relação entre desinformação e democracia sob o viés da erosão da confiança nas instituições democráticas e na mídia tradicional, que cria um terreno fértil para a propagação de narrativas antidemocráticas. A análise das autoras, embora não diretamente derivada da taxonomia de Wardle e Derakhshan<sup>7</sup>, complementa nossa discussão em relação às consequências da *disinformation* em um nível macro que afeta a confiança nas instituições e nos processos democráticos.

A EJA lida com um público diversificado em termos de idade, experiências de vida e trajetórias escolares, o que demanda processos de ensino e aprendizagem que valorizem seus saberes prévios, promovam a autonomia e transcendam a mera transmissão de conteúdo. Para González Arroyo<sup>9</sup>, a EJA não deve ser vista meramente como uma modalidade compensatória, mas como um direito fundamental e um espaço de construção de conhecimentos e identidades que reconheça os saberes e as experiências dos educandos, valorizando suas trajetórias de vida como ponto de partida para o processo educativo.

Haddad e Di Pierro<sup>10</sup> corroboram que a EJA deve desempenhar o seu papel primaz na inclusão social, proporcionando oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional para aqueles que não tiveram acesso à educação formal na idade adequada. Deodato<sup>11</sup> ressalta que a escola deve “treinar também os adultos para consumirem as mídias de maneira mais consciente”, indicando a necessidade de abordagens específicas para este público e que a educação para as mídias pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades técnicas, o fortalecimento da cidadania e a participação democrática.

Nossa abordagem metodológica, baseada em estudos empíricos, apresenta uma perspectiva complementar a análises críticas, como a de Albuquerque<sup>12</sup>. Enquanto o autor examina as estruturas de poder e influência que moldam o debate global sobre desinformação, nossa pesquisa revela as experiências vividas e percepções dos indivíduos diretamente afetados pelas *big techs*, principalmente as grandes plataformas de tecnologia do imperialismo estadunidense também conhecidas pelo acrônimo GAFAM: Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft.

8. RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *fake news* políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>

9. GONZÁLEZ ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

10. HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 108-130, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbedu/a/YK8DJk85m-4BrKJqzHTGm8zD/>. Acesso em: 12 out. 2024.

11. DEODATO, Paulo Gerson Olinto. Agência Lupa, Facebook e consumo de notícias: Análise sobre a desinformação na pandemia da Covid-19. 2022. 93 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23485>. Acesso em: 12 out. 2024.

12. ALBUQUERQUE, Afonso. Redes do imperialismo na agenda do combate à desinformação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 65-79, 2024. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v29i1p65-79>

### 3. METODOLOGIA

O contexto desta pesquisa centra-se em uma instituição pública de ensino localizada no distrito do Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo, denominada pela sigla CMCT (Centro Municipal de Capacitação e Treinamento). Essa unidade escolar desempenha um papel fundamental na oferta de cursos de qualificação profissional para jovens e adultos, atendendo a uma população marcada pela marginalização do poder público e vulnerabilidades socioeconômicas.

O perfil socioeconômico dos estudantes do CMCT, publicizado na edição especial da revista *magistério* (São Paulo, 2023)<sup>13</sup>, tem em sua maioria pessoas do gênero feminino (69%), negras (62%), entre 18 e 58 anos (70%), e reflete as características da região. Segundo dados do Atlas Brasil<sup>14</sup> o Itaim Paulista apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,758 abaixo da média da cidade de São Paulo (0,806). Já o Mapa da Desigualdade<sup>15</sup>, da Rede Nossa São Paulo, apresenta este distrito entre os 10 piores mais desiguais da cidade: entre 96, o Itaim Paulista ocupa a 89ª posição. A escolha desta unidade escolar como *locus* de pesquisa justifica-se pela sua relevância como espaço de formação profissional neste território<sup>16</sup>, atendendo uma média de 1.600 pessoas ao ano<sup>17</sup> e pela oportunidade que oferece de investigar a intersecção entre educação midiática, inclusão digital e fortalecimento da cidadania em um contexto de vulnerabilidade social.

Adotou-se a metodologia qualitativa de pesquisa participante, com objetivo descritivo. Pesquisa qualitativa alinhando-se a Minayo<sup>18</sup>, pois “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. A opção pela pesquisa participante fundamenta-se em Brandão<sup>19</sup>, com o intuito de

ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos.

O caráter descritivo da pesquisa, por sua vez, visou proporcionar “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”<sup>20</sup>. No caso específico deste estudo, buscou-se descrever as práticas de consumo midiático, as percepções sobre educação midiática e as formas de participação cidadã dos estudantes. É importante ressaltar que, como observa Thiollent<sup>21</sup>, “na pesquisa participante, a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas é necessariamente um processo dialético”. Assim, reconhece-se que o processo de pesquisa não é neutro, mas sim um espaço de construção coletiva de conhecimento e de potencial transformação social.

A coleta de dados foi realizada por meio de duas técnicas principais: grupos focais e observação participante. Foram estabelecidos dois grupos focais, cada um com dez a onze participantes, equivalente a 5% do total de estudantes.

13. TELES, Iolanda Cruz. Diversidade, igualdade e inclusão. *Revista Magistério*, São Paulo, ed. esp., n. 4, p. 19-20, 2023. Disponível em: <https://acervo-digital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-30-anos-cmct-ed-especial/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

14. ATLAS BRASIL **Perfil da Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH)**: 1355030812011. Guarulhos: Atlas Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1355030812011>. Acesso em: 4 abr. 2025.

15. REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade ganha novo formato e agora traz a classificação dos 96 distritos de São Paulo. São Paulo**. Nossa São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/2023/11/28/mapa-da-desigualdade-ganha-novo-formato-e-agora-traz-a-classificacao-dos-96-distritos-de-sao-paulo/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

16. SILVA, Cristiane Nascimento. Para além da técnica: cultura e cidadania. *Revista Magistério*, São Paulo, ed. esp., n. 4, p. 21-25, 2023. Disponível em: <https://acervo-digital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Magisterio-CMCT-Ed-Esp-4.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

17. TELES, Iolanda Cruz. CMCT em números. *Revista Magistério*, São Paulo, ed. esp., n. 4, p. 19-20, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-30-anos-cmct-ed-especial/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

18. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 21.

A seleção dos participantes buscou representar a diversidade de cursos, faixas etárias e períodos de estudo (manhã, tarde e noite) oferecidos pela instituição. Os grupos focais foram conduzidos na primeira semana de julho de 2024, com duração média de duas horas cada. As discussões foram orientadas por um roteiro semiestruturado com temas como uso de dispositivos de mídia, fontes de informação, avaliação crítica da informação, participação cidadã e percepções sobre educação midiática.

As sessões foram gravadas em áudio<sup>22</sup>, com o consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas utilizando o *software* Microsoft Word 365, com a função de transcrição automática, seguida de revisão manual que garantiu a precisão dos dados.

A observação participante foi realizada pelo pesquisador, que também atua como professor na instituição, no período de 29 de abril a 5 de julho de 2024. Essa técnica, como destaca Minayo<sup>23</sup>, “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”.

Durante esse período, foram observadas as interações dos estudantes com as mídias digitais, principalmente por meio de seus smartphones individuais, através das propostas de pesquisa realizadas em sala de aula e debates/rodas de conversa oportunizadas a todos os estudantes no auditório da unidade escolar. Observamos suas práticas de busca, compartilhamento de informações, e suas discussões sobre temas relacionados à cidadania e à participação democrática. As observações foram registradas em um diário de campo, seguindo as orientações de Bogdan e Biklen<sup>24</sup> por tratar-se de “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para os menores de idade, foi obtido o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, com a devida autorização dos responsáveis. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme parecer consubstanciado CAAE 80140024.6.0000.0081.

A análise dos dados coletados nesta pesquisa foi realizada utilizando a técnica de análise de conteúdo que Bardin<sup>25</sup> define como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O processo de análise seguiu as três etapas fundamentais propostas por Bardin, onde na fase inicial realizou-se a organização e preparação do material coletado. As transcrições dos grupos focais e as anotações do diário de campo foram submetidas a uma leitura flutuante, permitindo uma primeira aproximação com os dados e a identificação de temas recorrentes. Neste

19. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. 1. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 31.

20. GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Gen Atlas, 2019.

21. THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

22. Foi utilizado o aplicativo para *smartphones* “Gravador”, em sua versão 14.8.1\_091fc32-240226.

23. MINAYO, *op. cit.*

24. BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

25. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016. p. 42.

momento, foram definidas as unidades de registro e de contexto, bem como os indicadores para a categorização.

A etapa de exploração do material envolveu a codificação e categorização sistemática dos dados, onde utilizou-se o *software Atlas.ti*, versão 9.1.7.0. As categorias foram estabelecidas, a priori, com base no referencial teórico e nos objetivos da pesquisa, mas também emergiram, a posteriori, a partir da leitura aprofundada dos dados. As principais categorias de análise incluíram: uso de dispositivos e plataformas de mídia; fontes de informação; avaliação crítica da informação; democracia e participação cidadã; demandas por educação midiática.

Na fase final, tratamento dos resultados, inferência e interpretação, os dados categorizados foram submetidos a uma análise qualitativa que buscou identificar padrões, contradições e *insights* para responder às questões de pesquisa. As interpretações foram fundamentadas no referencial teórico, estabelecendo diálogos com a literatura existente sobre educação midiática, inclusão digital e cidadania.

Os entrevistados são identificados com as letras de A a K acrescido de G<sub>1</sub> ou G<sub>2</sub> onde a letra (A a K) representa cada um dos participantes e o G<sub>1</sub> ou G<sub>2</sub> representa o grupo focal a que ele fez parte. Exemplo: “D G<sub>2</sub>” é um dos participantes do grupo focal 2, que foi realizado com os estudantes do período vespertino e noturno desta unidade escolar.

#### **4. DESINFORMAÇÃO, DEMOCRACIA E MARGINALIZAÇÃO DIGITAL: ANÁLISE E DIÁLOGOS SOBRE OS DADOS DA EJA**

Os dados apresentados abaixo foram originados dos grupos focais, que contaram com a participação de vinte e um estudantes da unidade do CMCT do distrito do Itaim Paulista, representando uma amostra diversificada em termos de idade, gênero e cursos de qualificação profissional. A análise do perfil dos participantes traz uma predominância feminina, com 15 mulheres (71%) e 6 homens (29%). Essa distribuição reflete, em certa medida, a composição geral do corpo discente da instituição, conforme observado no Projeto Político Pedagógico (PPP) desta instituição de ensino.

Em termos etários, observa-se uma ampla faixa, variando de 14 a 60 anos, com a distribuição apresentada na Tabela 1.

Com relação ao gênero, a maior proporção das pessoas entrevistadas é composta por mulheres, totalizando quinze participantes, enquanto os homens somam seis. Essa predominância feminina (71%) reflete tendências específicas de interesse e participação nos cursos oferecidos pela instituição, o que foi observado na análise do PPP de 2023 e anos anteriores. Das sete opções de cursos de qualificação profissional oferecidos por essa unidade escolar (Auxiliar Administrativo, Auxiliar de Logística, Corte e Costura sob Medida, Confeitaria,

Informática, Panificação e Elétrica) apenas as turmas do curso de Elétrica tem os homens como maioria.

**Tabela 1: Faixa etária dos participantes do grupo focal**

Faixa etária	Participantes	%
Menos de 18 anos	5	23,81
18 a 24 anos	8	38,10
25 a 34 anos	2	9,52
35 a 44 anos	2	9,52
45 a 60 anos	4	19,05
61 anos ou mais	0	0,00
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

No roteiro do grupo focal uma das indagações se relacionava a saber quais dispositivos, mídias e tecnologias de informação e comunicação são mais utilizadas para acessar informações e conteúdo pelos estudantes (Figura 1) e revelou o *smartphone* como o dispositivo predominante, sendo mencionado por 20 dos 21 participantes (95%). A televisão aparece como o segundo dispositivo mais citado, com 14 menções (67%), indicando a persistência da mídia tradicional no cotidiano dos participantes indicando a “coexistência e hibridização entre mídias tradicionais e digitais nas práticas culturais latino-americanas”, como já apontado por Martín-Barbero<sup>26</sup>.

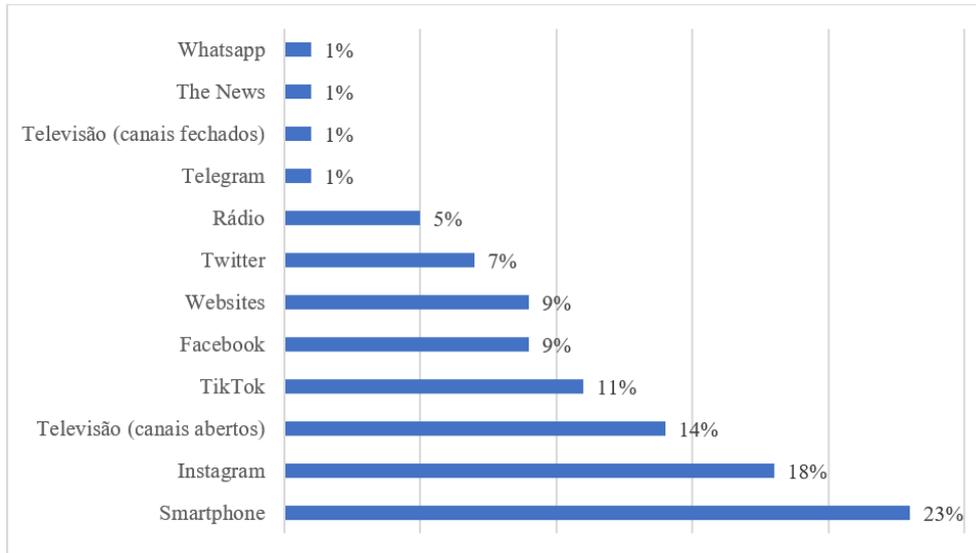
A predominância do Instagram e a expressiva presença do TikTok no engajamento de usuários para a disseminação de desinformação e viralização de conteúdos<sup>27</sup> refletem tendências globais de consumo midiático, condicionados por dinâmicas infraestruturais dessas plataformas, as quais moldam as preferências dos usuários por materiais visuais e de curta duração. Jenkins<sup>28</sup> observava este fenômeno na década passada em relação às plataformas de mídia social que tem o potencial de moldar como consumimos informação e como construímos e compartilhamos narrativas sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. A análise de Albuquerque<sup>29</sup> sobre o papel ambíguo das plataformas de mídia social no ecossistema de informação global encontra paralelos neste dado. Observamos que, enquanto plataformas como Instagram e TikTok são as principais fontes de informação para muitos estudantes, há uma falta generalizada de habilidades críticas para navegar no ciberespaço.

26. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

27. ARAÚJO, Isadora Gonçalves Eleutério Dias; FERREIRA, Luisa Andrade; GOVEIA, Fábio Gomes. Estudo da relação entre memes e desinformação a partir do TikTok. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46.; 2023, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2023. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0816202320251264d-d5ad809e05.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202320251264d-d5ad809e05.pdf). Acesso em: 31 mar. 2025.

28. JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

29. ALBUQUERQUE, op. cit.



**Figura 1:** Dispositivos, mídias e tecnologias de informação e comunicação

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Essa constatação se apresenta como um paradigma estrutural que transcende a mera ausência de acesso tecnológico, pois a inclusão digital não se limita à infraestrutura, mas também à capacidade de interpretar, questionar e produzir conteúdos em ambientes mediados por algoritmos e imersos por interesses corporativos<sup>30</sup>. No contexto analisado, a predominância do *smartphone* como principal dispositivo de acesso à informação, aliada à dependência de plataformas como Google, Instagram e TikTok, evidencia uma lacuna formativa: a passividade crítica diante de conteúdos que priorizam engajamento em detrimento da veracidade<sup>31</sup>. Essa dinâmica reforça ciclos de desinformação, nos quais a velocidade de compartilhamento supera a reflexão sobre fontes e intencionalidades.

A ausência de habilidades críticas não é um fenômeno isolado, mas está enraizada em desigualdades históricas. Em comunidades periféricas como o Itaim Paulista, a precariedade de conexões estáveis e a falta de acesso a computadores amplificam a dependência de dispositivos móveis e redes sociais, espaços onde a desinformação se propaga de forma viral<sup>32</sup>. Como observado nos grupos focais, mesmo participantes que se declaravam “moderadamente confiantes” em identificar *fake news* relataram dificuldades em discernir narrativas polarizadoras ou conteúdos manipulativos, especialmente quando compartilhados por redes de confiança. Esse paradoxo entre autopercepção e vulnerabilidade prática sinaliza a urgência de abordagens pedagógicas que integrem análise midiática à realidade cotidiana dos educandos, conforme propõe Soares<sup>33</sup> ao defender a educomunicação como prática transformadora.

A EJA, enquanto espaço de reparação educacional e construção de cidadania<sup>34</sup>, deve assumir um papel ativo na desconstrução de assimetrias informacionais. Isso implica transcender a transmissão de competências técnicas

30. LIVINGSTONE; HELSPER, *op. cit.*

31. RECUERO; GRUZD, *op. cit.*

32. PISCHETOLA, *op. cit.*

33. SOARES, *op. cit.*

34. GONZÁLEZ ARROYO, *op. cit.*

— como o uso instrumental de ferramentas digitais — para adotar uma perspectiva crítica e emancipatória, alinhada aos princípios da educomunicação e da educação midiática que capacite os indivíduos a “ler” não apenas textos, mas também as estruturas de poder embutidas nas plataformas digitais, questionando desde a economia política dos algoritmos até os vieses ideológicos presentes nas narrativas dominantes<sup>35</sup>.

A predominância do uso do Google como fonte primária de informação entre os participantes (52%) reflete tendências globais de consumo de informação, mas também levanta questões sobre a dependência de plataformas controladas por grandes corporações tecnológicas. Isso ficou evidente quando questionados sobre suas preferências por plataformas específicas para busca de informações, onde onze dos vinte e um participantes (52%) mencionaram o Google como principal fonte. Uma das participantes, que chamaremos de “C G<sub>2</sub>”, diz: “Uso bastante o Google porque é mais fácil e rápido de achar as coisas”. Esta fala exemplifica a valorização da praticidade e velocidade no acesso à informação, características típicas da era digital. Contudo é preocupante a baixa menção a fontes jornalísticas tradicionais ou plataformas de *fact-checking*. Apenas 3 participantes (14%) citaram sites de notícias específicos, como G1 e UOL, como fontes confiáveis de informação. Estes resultados alinham-se com as observações de Wardle e Derakhshan sobre o “ecossistema de desordem informacional”, onde a facilidade de acesso à informação nem sempre se traduz em capacidade de discernimento crítico.

É importante ressaltar que a formulação de políticas e práticas de educação midiática é influenciada por diversos atores, incluindo fundações, plataformas de mídia social e organizações internacionais<sup>36</sup>. Embora essas iniciativas visem combater a desinformação, é fundamental reconhecer que as próprias plataformas, como o Google, podem contribuir para a disseminação de informações duvidosas, devido a algoritmos que priorizam o engajamento em detrimento da qualidade da informação. Essa complexidade exige uma análise aprofundada das interseções e contradições nos interesses desses diferentes atores, o que, no entanto, foge ao escopo desta pesquisa.

Quando questionados sobre experiências anteriores com educação midiática, dezessete participantes (81%) relataram nunca ter participado de cursos ou formações específicas sobre o tema. Esse dado alarmante corrobora as observações de Buckingham<sup>37</sup> sobre a marginalização da educação midiática nos currículos escolares, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. A participante “F G<sub>1</sub>”, em uma fala que ilustra uma percepção intuitiva da relevância da educação midiática, mesmo na ausência de experiências formais, expressa: “Nunca tive aula sobre isso, mas acho que seria importante para entender melhor como as notícias são feitas e como não cair em *fake news*”.

Apesar da falta de experiências formais, a maioria dos participantes demonstrou entendimento básico da importância da educação midiática. Quando perguntados sobre os riscos associados à falta de conhecimento sobre o

35. BUCKINGHAM, David. **The media education manifesto**. 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2019.

36. ALBUQUERQUE, *op. cit.*

37. BUCKINGHAM, *op. cit.*

funcionamento das mídias, 19 participantes (90%) expressaram preocupações. O participante “K G<sub>2</sub>” argumentou: “Acho que corremos riscos sim, porque tem muita informação falsa circulando e às vezes é difícil saber o que é verdade”.

As respostas, em relação ao acesso às tecnologias digitais, apresentaram disparidades entre os participantes. Enquanto todos relataram possuir *smart-phones*, o acesso a computadores e internet de banda larga em casa mostrou-se limitado, especialmente entre os participantes de maior idade e de menor renda. A participante “B G<sub>1</sub>” exemplifica os desafios de inclusão digital enfrentados por muitos residentes de áreas periféricas, corroborando as observações de Pischetola<sup>38</sup> sobre as desigualdades digitais no contexto brasileiro, ao comentar: “uso mais o celular porque não tenho computador em casa, e às vezes a internet é ruim”.

Quando questionados sobre suas habilidades para identificar notícias falsas e avaliar criticamente as informações, os participantes demonstraram níveis variados de confiança. Treze participantes (62%) expressaram insegurança em suas habilidades de verificação de informações. O participante “D G<sub>2</sub>” comentou: “Às vezes é difícil saber se uma notícia é verdadeira, principalmente quando vem de alguém que a gente confia”, o que ressoa com análises<sup>39</sup> sobre o papel das redes sociais na disseminação de desinformação.

Por fim, a conversa dos grupos focais finalizava com perguntas relacionadas ao interesse em participar de um curso, projeto ou capacitação em educação midiática. Dezenove dos vinte e um participantes (90%) expressaram interesse positivo ou potencial em tal formação. A participante “J G<sub>1</sub>” respondeu com entusiasmo: “Eu participaria sim, acho que seria útil para o trabalho e para a vida em geral”. Resposta que reflete uma percepção da educação midiática além de uma habilidade técnica, uma competência para a cidadania contemporânea<sup>40</sup>.

Quando questionados sobre a frequência com que encontram informações duvidosas ou potencialmente falsas, os participantes relataram uma exposição alarmante à desinformação (Tabela 2).

**Tabela 2: Frequência que encontram informações duvidosas ou potencialmente falsas**

Resposta	Participantes	%
Nunca	0	0,00
Raramente	3	14,29
Mensalmente	4	19,05
Semanalmente	2	9,52
Diariamente	12	57,14
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>100,0</b>

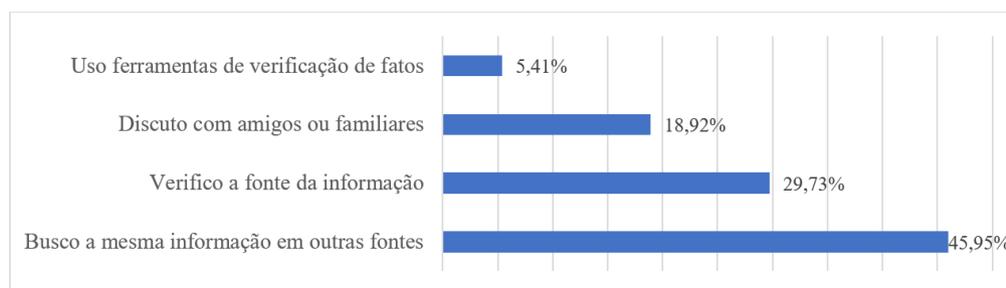
Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

38. PISCHETOLA, *op. cit.*

39. PISCHETOLA, *op. cit.*

40. LIVINGSTONE; HELSPER, *op. cit.*

A predominância de exposição diária à desinformação (57,14% dos participantes) corrobora as observações de Recuero e Gruzd<sup>41</sup> sobre a “ubiquidade da desinformação nas redes sociais e sua penetração no cotidiano dos usuários”. Quando indagados sobre suas estratégias para verificar a veracidade das informações, os participantes demonstraram uma variedade de abordagens, algumas mais sofisticadas que outras (Figura 2).



**Figura 2:** Estratégia adotada para verificar a veracidade de uma informação

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

A resposta da participante “E G1”, de que costuma “pesquisar em mais de um site para ver se a informação bate”, embora positiva, pode ser insuficiente se não acompanhada de critérios técnicos que a municiem sobre a credibilidade das fontes. É preocupante que apenas 19,04% dos participantes mencionem o uso de sites de *fact-checking*, ferramentas potentes no combate à desinformação, pois “o desconhecimento ou subutilização de ferramentas de verificação de fatos pode perpetuar a circulação de desinformação, mesmo entre indivíduos bem-intencionados”<sup>42</sup>.

Quando questionados sobre sua confiança na capacidade de identificar notícias falsas, os participantes demonstraram níveis variados de segurança (Tabela 3).

**Tabela 3: Nível de confiança na capacidade de identificar notícias falsas**

Nível de confiança	Número de participantes	Porcentagem
Nada confiante	0	0%
Pouco confiante	3	14,28%
Moderadamente confiante	8	38,09%
Muito confiante	7	33,33%
Extremamente confiante	3	14,28%

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

41. RECUERO; GRUZD, *op. cit.*

42. SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. *Revista Observatório*, Tocantins, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v-4n3p759>

É notável que, apesar da alta exposição à desinformação, 85,7% dos participantes se declaram moderadamente a extremamente confiantes em sua capacidade de identificar notícias falsas. Esta disparidade entre a exposição e a confiança levanta questões sobre a possível superestimação das habilidades de verificação. Uma fala que ilustra a complexidade do fenômeno da desinformação, é a do participante “H G<sub>2</sub>”: “Acho que consigo identificar *fake news* na maioria das vezes, mas às vezes é difícil quando a notícia parece muito real”.

Vários participantes mencionaram o viés de confirmação, manifestando dificuldade em questionar informações que corroboram suas crenças prévias. A pressão social, evidenciada pela circulação de informações em grupos familiares ou de amigos, foi citada como um fator que obstaculiza o questionamento crítico. Alguns participantes relataram sentir-se sobrecarregados com o volume de informações, o que dificulta a verificação minuciosa, caracterizando a sobrecarga informacional e as limitações tecnológicas, especialmente o acesso restrito à internet de qualidade, foram apontadas como um entrave para a verificação em múltiplas fontes, comprometendo a capacidade de avaliar criticamente as informações recebidas.

Quando questionados sobre como percebem o papel da mídia no fortalecimento ou enfraquecimento da democracia, os participantes apresentaram visões diversificadas: O participante “K G<sub>1</sub>” argumenta que “a mídia pode ajudar a fortalecer a democracia quando informa corretamente, mas também pode enfraquecer quando espalha notícias falsas. O participante “G G<sub>2</sub>” relata: “As notícias que vejo nas redes sociais às vezes me fazem querer participar mais, mas também me deixam confuso sobre o que é verdade”, e a participante “I G<sub>1</sub>” observa: “Acho que se eu entendesse melhor como funciona a política e a mídia, me sentiria mais confiante para participar”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs discutir o consumo midiático digital de estudantes da EJA em contextos periféricos, e sua relação com a desinformação. A pesquisa, realizada no distrito do Itaim Paulista, São Paulo, empregou uma abordagem qualitativa, utilizando grupos focais e observação participante, envolvendo vinte e um estudantes da EJA. O objetivo central era compreender de que forma a educação midiática poderia contribuir para a atuação dos estudantes diante das lógicas estruturais da desinformação digital em comunidades marcadas por vulnerabilidades socioeconômicas.

Ao revisitar os objetivos específicos estabelecidos no início da pesquisa, podemos afirmar que foram alcançados de maneira satisfatória. O primeiro objetivo, que visava mapear as práticas de consumo midiático dos estudantes da EJA, foi plenamente atendido através da análise detalhada das respostas obtidas nos grupos focais. Identificamos uma predominância do uso de *smartphones* e redes sociais como principais fontes de informação, revelando um

padrão de consumo midiático que reflete as tendências globais, mas também as limitações de acesso devido ao contexto periférico que esse grupo apresenta.

O segundo objetivo, que buscava avaliar o nível de compreensão e habilidades dos estudantes em relação à identificação de desinformação, também foi alcançado. Os resultados mostram a discrepância entre a percepção dos estudantes sobre suas habilidades e a realidade de sua exposição à desinformação. Enquanto 85,7% se consideravam moderadamente confiantes em identificar notícias falsas, 57,14% relataram exposição diária a esse tipo de conteúdo.

O terceiro objetivo, que visava analisar as estratégias utilizadas pelos estudantes para verificar a veracidade das informações, foi atingido através da análise das respostas dos participantes sobre suas práticas de checagem. Identificamos que, embora alguns estudantes demonstrem iniciativa em buscar fontes alternativas, há uma carência generalizada de métodos sistemáticos de verificação, evidenciando uma lacuna crítica na formação em alfabetização midiática e informacional.

Ao longo da pesquisa, emergiram reflexões sobre a interseção entre educação midiática, EJA e contextos de vulnerabilidade social. Ficou evidente que a educação midiática não pode ser tratada como um componente isolado ou acessório no currículo da EJA, mas sim como um elemento fundamental para a formação integral dos estudantes. A capacidade de navegar criticamente no ambiente digital, identificar e combater a desinformação, e participar ativamente da esfera pública online devem ser habilidades essenciais para a cidadania, especialmente em comunidades historicamente marginalizadas.

A pesquisa também revelou a complexidade do fenômeno da desinformação em contextos periféricos. A combinação de acesso limitado a recursos tecnológicos, baixa escolaridade formal e exposição intensa a redes sociais cria um terreno fértil para a propagação de notícias falsas. Contudo, observamos também um potencial para mudança. A maioria dos participantes demonstrou interesse em aprender mais sobre educação midiática, reconhecendo sua importância para suas vidas pessoais e profissionais.

Um achado foi a identificação de uma lacuna na formação em educação midiática, com 81% dos participantes relatando nunca ter recebido treinamento formal nessa área. Esse dado aponta para uma oportunidade de intervenção, sugerindo que a implementação de programas estruturados de educação midiática na EJA poderia ter um impacto substancial na capacidade dos estudantes de enfrentar a desinformação e participar mais ativamente da vida cívica digital.

Concluimos que a educação midiática na EJA, especialmente em contextos periféricos, deve ser entendida como uma ferramenta de combate à desinformação e, sobretudo, um veículo de empoderamento e transformação social.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso. Redes do imperialismo na agenda do combate à desinformação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 65-79, 2024. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v29i1p65-79>

ATLAS BRASIL. **Perfil da Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH)**: 1355030812011. Guarulhos: Atlas Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1355030812011>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 1. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. 1. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BUCKINGHAM, David. **The media education manifesto**. 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2019.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *In*: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.

DEODATO, Paulo Gerson Olinto. **Agência Lupa, Facebook e consumo de notícias**: Análise sobre a desinformação na pandemia da covid-19. 2022. 93 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23485>. Acesso em: 12 out. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Gen Atlas, 2019.

GONZÁLEZ ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.14, p. 108-130, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/>. Acesso em: 12 out. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

LIVINGSTONE, Sonia; BOBER, Magdalena; HELSPER, Ellen. Johanna. Active participation or just more information? Young people's take-up of opportunities to act and interact on the Internet. **Information, Communication & Society**, Londres, v. 8, n. 3, p. 287-314, 2005. <https://doi.org/10.1080/13691180500259103>

LIVINGSTONE, Sonia; HELSPER, Ellen Johanna. **Digital literacy and digital inclusion: policy, research and practice**. Cambridge: Polity Press, 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2016.

ARAÚJO, Isadora Gonçalves Eleutério Dias; FERREIRA, Luisa Andrade; GOVEIA, Fábio Gomes. Estudo da relação entre memes e desinformação a partir do TikTok. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46.; 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2023. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0816202320251264dd5ad809e05.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202320251264dd5ad809e05.pdf). Acesso em: 31 mar. 2025.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *fake news* políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade ganha novo formato e agora traz a classificação dos 96 distritos de São Paulo**. São Paulo: Nossa São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/2023/11/28/mapa-da-desigualdade-ganha-novo-formato-e-agora-traz-a-classificacao-dos-96-distritos-de-sao-paulo/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Nascimento. Para além da técnica: cultura e cidadania. **Revista Magistério**, São Paulo, ed. esp., n. 4, p. 21-25, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/Magisterio-CMCT-Ed-Esp-4.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2020.

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Jornalismo na era da pós-verdade: *fact-checking* como ferramenta de combate às *fake news*. **Revista Observatório**, Tocantins, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018. <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n3p759>

TELES, Iolanda Cruz. CMCT em números. **Revista Magistério**, São Paulo, ed. esp., n. 4, p. 19-20, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-30-anos-cmct-ed-especial/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

TELES, Iolanda Cruz. Diversidade, igualdade e inclusão. **Revista Magistério**, São Paulo ed. esp., n. 4, p. 19-20, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-30-anos-cmct-ed-especial/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 11 jan. 2025.